

O demônio de Maxwell e a produção de tempo na teoria social de Niklas
Luhmann: itinerários sociológicos em *Black Mirror*

Lidiane Domingues - PPGCS UNIFESP - 2017

A sociologia luhmanniana, produzida entre 1970-90, elege como seu objeto principal a comunicação. Partindo da teoria (cibernética) dos sistemas, Luhmann designa a comunicação como a única operação possível para os sistemas sociais e logo, como objeto da sociologia por excelência. Se relacionarmos a teoria luhmanniana e seu ambiente de emergência, podemos notar que o desenvolvimento dos meios de comunicação, durante as guerras do século XX¹ e a massificação destas tecnologias, colocou em evidência processos comunicativos que não se limitavam mais territorial e hierarquicamente (1982, p.189). Nos anos 1970 surge a microeletrônica, que, somando-se à maquinaria analógica (como a TV, por exemplo), vai permitir multiplicidade (de comunicação) e interatividade (entre pessoas, máquinas e sistemas). A partir disto podemos apontar que a (teoria da) sociedade de Luhmann permitirá, aqui, refletir sobre processos de comunicação desenraizados, por assim dizer, da dura materialidade dos Estados, instituições, hierarquias ou estratos sociais, pois sua única sustentação, na teoria social de Luhmann, de agora em diante será a materialidade semântica das formas.

De outro lado, décadas depois de Luhmann ter formulado os conceitos de sua teoria da sociedade, observamos que o seriado *Black Mirror*, em vários de seus episódios, tece narrativas que radicalizam a potência da relação desenvolvida entre os meios de comunicação enquanto “máquinas interativas” e os seres humanos. Em outros termos, as estruturas tecnológicas que se diferenciam ao longo do século XX, enquanto meios de comunicação, foram importantes para a criação da complexidade que hoje podemos observar no cotidiano - e também expressivamente, no caso de narrativas como as de *Black Mirror*. Na nossa leitura, tais narrativas levam os problemas relacionados com a contingência na interpenetração dos sistemas de consciência e sócio-técnicos a um extremo

¹ Tecnologias de produção e interceptação de informação tornam-se centrais a partir da Segunda Guerra Mundial acentuando-se na Guerra Fria.

distópico², no qual muitas vezes é difícil apontar, na observação (no sentido luhmanniano do termo), o lado interno da forma sistêmica - isto é, é preciso atenção para apreciar a distinção entre os sistemas interpenetrados, decorrendo daí questões que são interessantes para as nossas análises. Ao partir da radicalidade da potência dos *media*³, da constituição de realidades distópicas via meios de comunicação, o seriado levanta questões pertinentes à atualidade que, é o que tentaremos mostrar, em alguma medida, é plausível refletir sobre eles por meio da teoria sociológica de Luhmann.

No nosso caso, o foco será a especificidade dos meios de comunicação (enquanto sistema social) e a relação interativa⁴ permitida através deles nas narrativas do seriado entre sistemas sociais e consciências. Nosso espectro de observação assim se delimita porque o problema que nos dá sentido aqui se refere às conseqüências temporais da relação entre os meios de comunicação, os sistemas sociais e os sistemas de consciência.

Neste sentido, a questão que nos serve de guia é: quais são as implicações no tempo e na memória das sociedades contemporâneas se considerarmos as relações sociais caracterizadas pela interpenetração entre sociedade, seres humanos e os aparatos tecnológicos? Ou, por outro lado, quais conseqüências a interpenetração e o compartilhamento de complexidade temporalizada entre sistemas sociais, consciências e meios de comunicação, têm para a constituição da temporalidade de cada sistema nessa relação? Ora, a marca da teoria dos sistemas de Luhmann é a diferença entre sistemas, isto é, a diferença da complexidade (temporalizada) de sistemas em relação a seus ambientes (outros sistemas). O eixo

² Adotamos distopia em seu sentido mais amplo, ou precisamente como definido por Simon Blackburn: “Utopia negativa: um lugar onde em vez de tudo estar bem, nada está bem. O *Admirável mundo novo*, de Adouls Huxley, e *1984*, de George Orwell, são os exemplos ficcionais mais conhecidos. (Dicionários Oxford de Filosofia, p.106).

³ Na teoria luhmanniana os termos, que designam os meios de comunicação, são *medium* (singular) e *media* (plural). Ciro Marcondes Filho dá um exemplo interessante para pensar o refinamento do termo (se comparado com a concepção comum de mídia): “Imaginemos nosso pé pisando a areia: esta é um *medium* e sobre ela nosso pé impõe uma forma. As formas, portanto, condensam ligações entre os elementos do *medium*, constituindo acoplamentos rígidos, que se pode perceber. O *medium*, ele mesmo, não tem forma, o ar não faz barulho, a luz não é visível.”; e mais adiante: “(...) Comunicação é isso que viabiliza, que dá suporte, que permite a produção de conteúdos (formas). (2011, p.8-9).

⁴ O termo luhmanniano para “relação interativa” é *interpenetração*.

da nossa análise coloca-se, então, por meio da questão sobre qual (ou quais) temporalidade(s) surge na interpenetração (permitida na diferença de complexidade) entre seres humanos e meios de comunicação (e seus aparatos tecnológicos) tal como observamos no seriado *Black Mirror*, ou ainda, nas suas representações da relação atual entre pessoas, sociedade e meios de comunicação.

A nossa hipótese é a de que as tensões entre a teoria de Luhmann, que trouxe elementos da cibernética para a sociologia, e o seriado, que elabora uma série de dilemas a respeito da vida humana em ambientes tecnológicos, podem nos permitir vislumbrar certas formas de representar a experiência que nos é possível no mundo de hoje, principalmente no que diz respeito à temporalização da complexidade criada e compartilhada nesta relação participante entre sociedade e tecnologia. Mais precisamente, nossa hipótese surge da idéia luhmanniana de que os meios de comunicação têm um efeito “acelerador” nas operações dos sistemas que se interpenetram a eles.

A teoria dos meios de comunicação de Luhmann remonta a sua idéia de diferenciação dos sistemas sociais desde a criação da imprensa, como aponta João Paulo Bachur⁵. As possibilidades que surgiram do uso da linguagem escrita não ficaram restritas ao campo da literatura, pelo contrário, o uso social do letramento passou a fazer parte da estrutura de (quase) todos os sistemas sociais, como, por exemplo, a Política (não há Estado sem documento, protocolos, código legal, etc.), a Ciência (que se produz e se difunde em textos, sejam ensaístas ou matemáticos), a Religião (que se transformou no ocidente com a popularização da bíblia), a Economia (através da moeda material e imaterial), etc.⁶ O que esses sistemas têm em comum é seu acoplamento com as técnicas comunicativas, técnicas para

⁵ Nas palavras de Bachur: “A materialidade da comunicação não diz respeito apenas ao sistema social dos meios de comunicação de massa mas, em um nível mais geral, está relacionado à alterações da infra estrutura social da comunicação em função da difusão da escrita e da imprensa e, por essa razão, determina a diferenciação funcional de sistemas.” (BACHUR, 2009, p.21)

⁶ Segundo Luhmann: “Cada subsistema pode efetuar seu próprio modo de reprodução autorreferencial e pode, conseqüentemente, encontrar suas próprias maneiras de desviar de seu modo de reprodução liberando processos de variação, seleção e reestabilização. Podem ser diferentes “aceleradores” em diferentes subsistemas - por exemplo, crédito no sistema econômico, legislação no sistema legal - aumentando as chances para, e a velocidade de, transformações estruturais.” (LUHMANN, 1982, p.196)

produção de informação, de conhecimentos e conexão entre eles, por assim dizer, que permitem resolver mais problemas em menos tempo - e é nisto que reside, segundo Bachur, o *input* catalisador, ou ainda, acelerador da interpenetração dos *media* com outros sistemas (2009, p.18). Na maior parte dos sistemas sociais, como nos exemplos acima, é possível observar diferenciações internas diretamente relacionadas ao aprimoramento dos meios usados para comunicação, primeiramente, a escrita impressa, depois, os telégrafos, rádio, fax, câmeras, telefones, televisão, computador, etc.

Segundo Luhmann, determinadas percepções, ou ainda, observações atuais sobre o tempo e as temporalidades do mundo contemporâneo parecem se relacionar diretamente com a temporalidade produzida pelo código operacional dos meios de comunicação, a distinção entre atual/inatual, assim como sistemas sociais, como a ciência, precisam adaptar-se à temporalidade própria uma vez acoplados aos *media*. Neste sentido a temporalidade dos sistemas sociais é, como vimos em Luhmann, acelerada através da interpenetração com os meios de comunicação. Ou seja, as tecnologias de comunicação não se restringiram ao campo dos *mass media*, mas se estenderam (sob a forma interpenetrativa do acoplamento estrutural) para outros sistemas sociais, permitindo a estes realizar mais operações em menos tempo, acelerando-os em sua temporalização da complexidade. O que nos indica Luhmann é que a diferenciação funcional da sociedade moderna⁷, em sistemas e subsistemas sociais cada vez mais especializados funcionalmente, se deve a esta conjugação entre os *media* enquanto suportes de comunicação e a reprodução operativa de cada sistema. Além disso, a recursividade no uso dos *media* produz, por sua vez, multiplicação da complexidade interna nos sistemas sociais que os leva outra vez a recorrer a estes aparatos que permitem ainda mais aceleração. Luhmann indica, como vimos, algo como uma influência corruptiva do código operacional dos meios de comunicação, qual seja, através da (produção

⁷ Cito Luhmann: “A sociedade moderna desenvolveu um padrão de diferenciação (...) usando funções específicas como o foco para diferenciação de subsistemas.” (1982, p.189)

permanente de) novidade, na operatividade dos sistemas de seu ambiente para os quais disponibiliza complexidade⁸.

Nossa análise, entretanto, não deverá se estender à temporalização de sistemas - como a política e a ciência, por exemplo -, mas deverá ficar circunscrita à reflexão da temporalização da complexidade dos *media* e na sua interpenetração com sistemas que emergem da representação da trama narrativa, procurando evidenciar, assim, aspectos da experiência temporal que podem vir a ocorrer entre seres humanos e aparatos tecnológicos. Em consequência, para os propósitos da nossa pesquisa, o indicativo da aceleração da temporalização da complexidade sistêmica via interpenetração com os meios de comunicação será entendido como latente, no sentido de que ficará pressuposto no correr da análise. Esta, por sua vez, terá seu foco voltado apenas à relação estabelecida entre os *media*, os sistemas sociais e os sistemas de consciência que serão estudados e discutidos ao longo de determinadas narrativas de *Black Mirror*.

Já dissemos que a marca da teoria luhmanniana é a diferença entre sistema e ambiente, ou ainda, a diferença de complexidade do sistema em relação à complexidade (dos outros sistemas) de seu ambiente. Todo sistema constitui para si, para sua observação, um ambiente só dele⁹; deste modo, a sociologia de Luhmann cria uma relação diferencial entre um (sistema) e todos (ambiente), na qual é o sistema, com suas limitações estruturais, que decide quais complexidades do ambiente serão ou não acopladas à sua reprodução. Em vista disso, parece-nos claro que é plenamente possível acrescentar que, nesta relação “um - todos”, o ambiente é sempre mais complexo que cada sistema em particular. Decorre daí que, se levarmos em consideração que complexidade é sempre complexidade temporalizada, enquanto medida e dinâmica da conectividade interna das operações sistêmicas, depreendemos que, e é nisto que se baseia teoricamente nossa hipótese, quanto mais densa for a complexidade do ambiente para um

⁸ A teoria crítica dos sistemas, como em Bachur e Marcelo Neves, produziu teses indicando que o sistema econômico tem um efeito similar, de aceleração e corrupção, na sua interpenetração com outros sistemas.

⁹ A este ambiente particular de cada sistema observador denomina-se *umwelt*, conceito que vai aparecer no primeiro capítulo.

sistema, mais ele deverá encontrar mecanismos de aceleração da temporalização de sua complexidade como recurso adaptativo.

Ressalvados tais cuidados do ponto de vista da teoria, o objetivo desta pesquisa é colocar em tensão determinados conceitos, dentre outros a ele enlaçados na teoria luhmanniana¹⁰, à medida que os aproximamos de determinadas narrativas do seriado *Black Mirror*, focando na diferença de complexidade dos *media* em relação à observação de sistemas psíquicos e sociais emergentes da trama.

¹⁰ Para se chegar a ideia de temporalização da complexidade nos será imprescindível passar pelos conceitos de observador, *umwelt*, fechamento operacional, estrutura, processo e função memória.